

MEMÓRIA

ÂNGELA BARRETO

Rua Chile completa 90 anos

(Por enquanto não se fala em merecidas festas)

Foi Thomé de Souza o responsável pela criação da Rua Direita do Palácio, caminho obrigatório para a residência do primeiro governador geral da nova colônia. Mas a Rua Chile recebeu este nome em 1902, e logo depois, no 1º governo de José Joaquim Seabra, foi incluída nas obras de asfaltamento da Avenida Sete. A Rua Chile, portanto, completará 90 anos em julho.

Quando a Avenida Paulista completou 100 anos, São

Paulo parou para festejar. Quando se fala tanto em revitalização do Centro Histórico, principalmente em ano eleitoral, nada melhor que fazer uma festa para aquele que já foi o cartão-postal da Bahia e teve influência em todos os movimentos da Bahia, seja cultural, artístico e, principalmente, político. O L&I foi buscar um pouco da história da rua, tentando reavivar as memórias, inclusive dos governantes, que não devem deixar a data passar em branco.

O Palace Hotel, construído pelo comendador Bernardo Martins Catharino, em 1929, foi solenemente inaugurado em 1934 e ali se hospedaram as mais expressivas personalidades porque este era o único hotel chic, da cidade, ostentando um belo cassino, 86 apartamentos, um restaurante que ainda hoje faz sucesso. O hotel era de muito luxo para sua época e não deve ser esquecido que o centro era a área nobre da cidade. Os habitantes mais ricos moravam por ali, depois veio a Barra e a Graça.

Lembra o diretor Luiz Carlos Carrara, que o grupo que hoje administra o hotel, o adquiriu em 1965, mas ele tem 40 anos de idade e diz lembrar os carnavais da Rua Chile. Até hoje reivindica o retorno do palanque oficial para a Praça Municipal, não entendendo que ele seja instalado no Campo Grande, local onde os blocos começam seu desfile e ainda não alcançaram o pique da animação para serem julgados pela comissão que fica no palanque em questão.

Luiz também acredita na revitalização do centro e vai inaugurar uma sorveteria no térreo do hotel, entendendo que o comércio tem que se reciclar para reconquistar seu espaço no local. Hoje, o Palace tem 110 apartamentos porque mais um andar foi incorporado e Luiz diz que a meta tem sido a de investir. Os apartamentos agora têm ar-condicionado, têm cores e frigobar que antes não existiam. E o sistema de CPD dá seu ar de modernidade. O restaurante, de 200 lugares (já teve 240), ele diz que é um dos mais movimentados entre os hotéis. Se antes existia a tradição do escaldado de peru, hoje tem o cozido das quintas-feiras e a feijoada das sextas que traz clientes até do Comércio, chamados pelo sabor caseiro das comidas. A taxa de ocupação do hotel três



Um corredor da história é o que representa a velha Rua Chile, com seu comércio e

burburinho típicos de centros de cidade. Mas cada prédio, cada esquina, representa muito mais. A Rua Chile já foi o ponto mais chique de Salvador. Já foi um espaço de decisões políticas, de formação de movimentos culturais. Também já ditou a moda e comercializou todos os apetrechos de luxo necessários à confecção de vestidos e ternos. Era o lugar mais certo para encontrar os indispensáveis chapéus e luvas. Enfim, tudo aconteceu na Rua Chile, hoje com uma feição completamente diferente, frenética, da verificada há alguns anos.

Não precisa ser velho para lembrar a elegância dos cafés, onde orquestras se apresentavam em primeira mão. Os chás eram ponto de encontro das mulheres que não tinham tantas opções de lazer como hoje. O chá que acontecia na Lojas Duas Américas, incendiada há cerca de 10 anos, era tradicional. Mas a conversa nas esquinas era o forte de uma rua que tinha o Palácio do Governo e a Prefeitura Municipal, mananciais de informações. O jeito baiano mudou muito e o jornalista, poeta e advogado Jehová de Carvalho, 62 anos, diz: "A baianidade era mais cultural. A conduta da cidade era vinculada à Europa. Veja que cardápio era menu. Com todo calor, se usava terno de casemira, chapéu e gravata."

REVITALIZAR

Obviamente que Jehová

cuja revitalização defende até para que este seja mais um ponto de lazer alternativo para baianos e visitantes e o local possa registrar momentos importantes da vida da cidade como acontecia até a década de 50. Mas, apesar do público que frequenta a rua ter mudado de perfil, ainda são verificadas as presenças dos mais velhos que ainda se encontram naquele trecho para um bate-papo, mesmo assustados com a ameaça constante de assaltos. E muitos ainda continuam fazendo compras nas tradicionais casas Sloper e Adamastor, que continuam com seus produtos de qualidade. Essas lojas apresentam produtos modernos. Mas continuam atendendo a antiga clientela que pode encontrar, em uma delas, as anáguas e combinações que os mais jovens até desconhecem como peças íntimas. As mulheres nem querem mais usar sutiãs! Da mesma forma, até maiôs Catalina, compostos, que as candidatas a miss usavam, há décadas, podem ser encontrados pendurados nos cabides, o que atende à jovem senhora que se queixa de só encontrar maiôs e biquínis muito cavados na maioria do comércio baiano, "que parece só lembrar do consumidor tipo gatinha", queixa-se uma funcionária pública de 63 anos.

DIFERENÇAS

em direção ao Elevador Lacerda e Plano Inclinado Gonçalves, olhar fixo no relógio para não se atrasar para o trabalho e para não perdê-lo para os inúmeros pivetes e marginais de todas as idades que se concentram principalmente próximo ao Palácio Rio Branco. O palácio, que já foi sede de governo, Prefeitura Municipal e serviu como ponto de apoio para encontros onde o assunto predominante era política, mesmo fora da sua área. Tanto assim que a Rua Chile era chamada Rua Direita do Palácio. A Rua Chile era uma tranquilidade. Hoje é um dos lugares mais confusos, principalmente nos horários do rush. Além de duas lojas antigas, conserva o tradicional Palace Hotel, o prédio do Edifício Bráulio Xavier, que foi sede do Meridional Hotel. Das calçadas trabalhadas, resta a da velha Farmácia Chile. O Café das Meninas, onde aconteciam as maiores reuniões dos intelectuais que passavam horas, dia e noite discutindo, engravatados, hoje é Café Chic, frequentado por ambulantes, por pessoas que têm pressa em chegar a algum lugar. A velha Confeitaria Chile, fechada em fins da década de 50, fundada por Felício Daminco (que memória boa tem Jehová de Carvalho!), um italiano que aqui chegou como sapateiro no início do século, tinha por atração a primeira e maior orquestra da Bahia, a Jaze Jonas que ali começou sua carreira. Um

REVITALIZAR

Obviamente que Jehová acompanha o desenvolvimento até porque continua exercendo suas profissões, inclusive a de frequentador do Centro Histórico,

consumidor tipo gatinha, queixa-se uma funcionária pública de 63 anos.

DIFERENÇAS

Hoje, a Rua Chile tem pequenas lojas, camelôs e um público frenético que atravessa a avenida

italiano que aqui chegou como sapateiro no início do século, tinha por atração a primeira e maior orquestra da Bahia, a Jaze Jonas que ali começou sua carreira. Um dos fregueses virou personagem de livro através de Jorge Amado. Era Euvaldo Pires de Albuquerque, o Vadinho (Dona Flor e seus Dois Maridos). Hoje funciona no lugar, uma agência do Banco de Crédito Real.

Foto: Mara Mercia



A Rua Chile era o ponto de encontro obrigatório das elites econômicas, políticas e intelectuais da Bahia. Nenhum lugar da Salvador moderna assumiu esta característica



O Teatro São João (patrimônio arquitetônico inexplicavelmente perdido) marcava a fronteira Chile/Castro Alves

Sala de visita da Bahia, a Rua Chile foi inaugurada em julho de 1902 pelo então governador José Joaquim Seabra, que fez a Avenida 7 de Setembro e estendeu a obra até a Praça Municipal. A Chile, que está completando 90 anos, foi uma das primeiras artérias a ser asfaltada e era iluminada a gás, sendo chamada anteriormente de Rua Direita do Palácio.

A rua era metade do que é hoje e tinha calçadas de piso vitrificado que ainda pode ser visto na porta da Farmácia Chile. Sem a estrutura que hoje se verifica nas prefeituras, a conservação da rua era feita por um português que recebia "um dinheiro" para estar atento a qualquer imperfeição na rua. Qualquer buraco que surgisse, ele logo se incumbia de tapar ao longo da Chile e Avenida Sete.

As mulheres, na época áurea da Rua Chile, não usavam sandálias e sim sapatos de salto alto, acompanhados por luva, chapéus e sombrinhas. O meio de transporte muito comum foi o bonde puxado primeiramente a cavalos, que eram substituídos na porta do Teatro São João, onde hoje funciona o Palácio dos Desportos, na Praça Castro Alves.

Muitas grandes lojas enviavam amostras para que as mulheres escolhessem em casa, mas mesmo encarando o machismo, elas gostavam de desfilar faceiras comprando artigos para igreja na "Armas de Paris", tomando chá na "Duas Américas", vendo novidades na "Parque Real". Também podia ter os aviamentos para bordados e pinturas na "Casa Belas Artes" que era da família Lopes Rodrigues, que fundou depois a Escola de Belas Artes.

O comércio da Rua Chile florescia com os importados e era uma espécie de quebra-galho porque as famílias ricas compravam diretamente da Euro-

pa. Se hoje à noite a rua está cheia de estudantes e as pessoas, por medida de segurança devido ao abandono do centro evitam por ali transitar, os casais há alguns anos tinham ali uma opção de lazer olhando as vitrines.

MÉDICOS E REPARTIÇÕES

À tarde, muitas normalistas passavam com suas fardas e muitas senhoras aproveitavam que os médicos e dentistas tinham consultório por ali para dar uma voltinha enquanto aguardavam o horário. Saber se um profissional da área médico-odontológica era conceituado, bastava ver se atuava na Rua Chile, local por onde a vida da cidade gravitava, pois a maioria das pessoas morava na Vitória, depois foi ocupando outros bairros, como Graça e Barra.

Os homens tinham seus pontos prediletos, que funcionavam na Confeitaria Chile, Café das Meninas, onde à tarde as moças pagavam para trabalhar e sempre saíam bem acompanhadas. Entre os frequentadores assíduos estava o conselheiro Bráulio Xavier, governador Guilherme Marback, Carlos Chiaccio, que apesar de médico, foi uma das mais importantes figuras do movimento artístico da Bahia, tendo fundado a Ala das Letras e Artes com sede sobre o Café das Meninas, mas com reuniões no próprio Café. Dessas reuniões participavam ainda Presciliano Silva, Godofredo Filho e Artur Sales, entre tantos.

Mas a memória prodigiosa de Jehová de Carvalho, que espera tempo para publicar tantas informações, destaca a figura de duas mulheres que considera grandes revolucionárias e frequentavam as rodas intelectuais. Uma é Yvone Mangabeira, irmã do professor poliglota Gustavo dos Santos, que lecionava no Gymnasio da Bahia (hoje Colégio Central). Ela era a única a tocar harpa e foi precursora de moda usando pulseira de ouro na perna. Foi casada com Otávio Mangabeira Filho e hoje mora em Brasília. A outra mulher é Nil-da Spencer, atriz renomada, irmã do jornalista Nilson de Oliva César, conhecido por Pixoxó.

Ainda hoje quando está pela Rua Chile, Jehová diz sentir-se em outro mundo. Explica que os grandes castelos, como se chamavam os bordéis, também fizeram parte da história. Os mais conhecidos, que tinham meninas bonitas, eram o Castelo de Dionísia, que ficava junto do Café das Meninas e um que ficava ao lado de um restaurante na Rua Pau da Bandeira. Essas mulheres tinham assistência médica e atendiam com hora marcada a pessoas importantes. O bordel de Arlete

também ficou marcado e foi ali que o cineasta Glauber Rocha idealizou muitos filmes.

NEGÓCIOS E ROMANCES

Frequentar diariamente os pontos que existiam na Rua Chile não significava vadiagem como deixa claro Jehová. Como exemplo, cita que a Pastelaria Triunfo, situada já na Misericórdia, era palco de muitos negócios e de muitos romances, claro. A "Cubana", que existe até hoje no Elevador Lacerda, foi fundada por um ex-embaixador cubano que abandonou seu país.

O burburinho quente acontecia entre a Livraria Civilização Brasileira e o Hotel Meridional (hoje Ed. Bráulio Xavier). O proprietário da livraria era Dmeval Chaves e tudo o que acontecia na cidade repercutia nessa casa frequentada por expoentes das letras e artes, como Edgard Mata Pinto de Carvalho, presidente da Academia de Letras e Walter da Silveira, pioneiro nos estudos sobre cinema na Bahia.

A A TARDE funcionava no prédio da Praça Castro Alves e seus jornalistas circulavam com intimidade pela Rua Chile, reunindo-se com colegas do "Diário de Notícias", cuja sede foi durante muito tempo no Comércio e depois passou para a Rua Carlos Gomes. Também o "Jornal da Bahia", que funcionava na Barroquinha, jogava seus profissionais na área e Jehová lembra que integrou sua primeira redação ao lado de figuras como Glauber Rocha, Florisvaldo Mattos, João Carlos Teixeira Gomes, entre tantos.

Além de política, com a presença do Palácio do Governo e Prefeitura na área, discutia-se literatura, artes e colhiam-se notícias nas repartições públicas que ficavam naquele trecho. Até hoje pode-se ver o prédio onde foi o Montepio, depois IAPSEB e hoje sede de uma agência da Caixa Econômica.

A cidade foi crescendo, o número de habitantes idem, as repartições públicas foram sendo descentralizadas e hoje, a Rua Chile não tem mais nas vitrines o quadro com fotos de formandos. O comércio fecha às 19 horas. Até casas noturnas como a "Holliday", reduto de boêmios, fechou as portas. Ali foi a livraria Civilização Brasileira, depois Casa Gorges, e só depois virou boate. A palavra boemia hoje é associada a alcoolismo. Mas era "apenas uma forma anárquica de agüentar a situação do País", constata Jehová dizendo que a Chile hoje é só saudade e tristeza. Mas tem fé no movimento de revitalização do Centro, que nunca abandonou.

Algumas figuras folclóricas da Rua Chile

Washington Nascimento — conhecido por Jacaré, ele era um alcoólatra, mas participava de todos os movimentos da rua, sendo bem informado na medida do possível.

Rodrigues Filho — estivador, ele formou-se depois em Direito, trabalhou na Assembléia Legislativa e foi um grande orador popular, parando o povo na rua com seus discursos.

Euvaldo Pires de Albuquerque — conhecido por Vadinho, acabou sendo personagem do livro "Dona Flor e seus Dois Maridos", de Jorge Amado. Ele não saía da Confeitaria Chile, perdendo e ganhando no jogo.

Raimundo Reis — figura das letras, que foi secretário de governo na administração de Antônio Balbino.

Nair — mais conhecida como a Mulher de Roxo. Segundo os mais antigos, no tempo da Confeitaria Chile, Nair era frequentadora assídua dos chás que ali aconteciam no fim da tarde. Vestia-se bem e era das mulheres mais cantadas por sua beleza e charme. Um dia, enlouqueceu, dizem que por causa de um noivado mal sucedido. E passou a vestir-se de branco ou roxo, perambulando pela Rua Chile. Só pela Rua Chile. No ano passado, adoeceu e hoje encontra-se internada no Hospital Santo Antônio.

Foto: Rejane Carneiro



A Dama de Roxo é uma marca não só da Chile como de todo o Centro Histórico

das quintas-feiras e a feijoadas sextas que traz clientes até do Comércio, chamados pelo sabor caseiro das comidas.

A taxa de ocupação do hotel três estrelas é de 40% e sobe durante o Carnaval, não esquecendo a administração de deixar algumas reservas para os clientes cativos que sempre estão na cidade a trabalho. Para Luiz, é inadmissível que o mundo inteiro dê valor ao nosso patrimônio e nós, não. Elogiando o trabalho de Clarindo Silva, da Cantina da Lua, diz que os comerciantes precisam acreditar e investir mais na Rua Chile. A retirada do calçadão da Sé, a seu ver, é um importante passo do governo que "está interessado em trabalhar na área".

ÂNGELA BARRETO é repórter do L&I